

José Carlos Vilhena Mesquita



QUEM FOI SILVIO PELLICO?

UM HERÓI? UM TRAIADOR?

Ensaio publicado no matutino portuense «Comércio do Porto», no seu suplemento de **Cultura e Arte**, série II, n.º 57, de 13/04/1982

Quem foi Silvio Pellico. Um herói? Um Traidor?

Numa altura em que se assiste ao renascimento de Silvio Pellico, na Faculdade de Letras de Lisboa, não quero deixar de apontar, talvez antes desvelar, alguns passos da atribulada existência desta figura político-literária, ainda hoje mal compreendida e estudada.

Efectivamente, com a vinda a lume das suas memórias e recordações prisionais, imortalizadas segundo a epígrafe de *As Minhas Prisões*, tudo levava a crer que Silvio Pellico voltava, após o cativo de Spielberg, à cena política, desta vez, pensava-se, com redobradas forças. Ora, acontece que, nenhuma das esperanças revolucionárias depositadas na obra de Pellico se veio a concretizar, na medida em que, o seu livro não era o almejado manual político que os carbonários italianos tanto esperavam, mas antes um ingénuo, doce e romântico relato da vida de um homem convertido definitivamente ao catolicismo. Na verdade, Silvio Pellico, ao longo da sua penosa carreira política, metamorfoseara-se sucessivamente, como se hesitasse relativamente ao caminho a escolher. Por isso, começou por ser um nacionalista, passou ligeiramente pelas fileiras clandestinas da carbonária, apodreceu durante dez anos nas masmorras austríacas e acabou por se converter definitivamente à causa religiosa, regressando à paz católica em que nascera.

Este último gesto, talvez o de um desiludido, fará de Silvio Pellico uma múmia política, o que lhe granjeará sérios dissabores, entre os quais o escárnio da traição. Para a maioria dos nacionalistas italianos, *As Minhas Prisões* de Silvio Pellico, são um “bluff”, espécie de literatura de seminário, que ninguém aproveita a não os inimigos da própria Itália. Por conseguinte, Silvio Pellico é um traidor à causa independentista, um reles pacifista a quem não cabem as honras de perfilar ao lado de um Garibaldi, de um Cavour ou de um Mazzini.

Mas, para que não se façam juízos precipitados acerca deste homem, resolvemos iniciar este estudo sobre *As Minhas Prisões*, (curiosamente, editadas na cidade do Porto

no ano de 1936), começando exactamente por dissecar a sua própria biografia, na qual podemos, aliás, encontrar as razões mais remotas que ditaram o seu ultrajante comportamento, relativamente à causa revolucionário-independentista.

Assim, vejamos.

Silvio Pellico, oriundo da Provença, cuja família transitou de Nizza para Saluzzo, nasceu nessa localidade a 25 de Junho de 1789, tendo recebido então o nome de



Lápidas comemorativas do local da casa e do 1.º centenário do nascimento de Silvio Pellico

Giuseppe Eligio Silvio Felice. Curiosamente, esta criança veio à luz do dia precisamente a 19 luas de distância da Revolução Francesa.

Tratava-se do segundo filho do casal Onorato Pellico e Margherita Tournier da Chambery, cujos proventos económicos lhe advinham

dum negócio colonial e dos parcos honorários auferidos nos correios locais, onde o senhor Onorato desempenhava funções bastante modestas. A infância desta criança foi bastante atribulada, com doenças graves que quase lhe roubavam a vida, não fosse o amantíssimo carinho de sua mãe que «non perdendosi d'animo, gli prodigò tutte le amorese e perseveranti cure, suggeritele piu dal previdente affecto che dalla scienza, tanto che riusci a vincere a poco a poco il pericolo imminente, e potè vederselo crescere, gracile si e alquanto piccolo di statura, ma proporzionato almeno nelle forme e non storpio di gambe»...¹

Escapando à Revolução Francesa, a família Pellico deixou Saluzzo em 1792 em direcção a Pinerolo onde montou com um tal Gullino um negócio de drogaria. Aí começou Silvio a tomar contacto com as primeiras letras administradas por sua mãe que, com o decorrer dos anos, pediu ajuda ao Padre Manavella, cuja leitura dos clássicos e da

¹ Egídio Bellorini, «Introduzione», in *Le Mie Prigioni*, de Silvio Pellico, Milano, Editrice Dr. Francesco Vallardi, 1907, p. X. (Biblioteca di Classici Italiani Annotati).

história romana contribuiu para a exaltação patriótica daquele que havia de sagrar-se como um dos mais notáveis nacionalistas italianos.

Os humildes rendimentos familiares não permitiram à família dar estudos públicos aos seus jovens filhos, por isso valeram-se da ajuda do sacerdote Manavella e do seu próprio pai, cujas qualidades literárias, fundamentalmente poéticas, lhe proporcionaram a inscrição em várias academias, nomeadamente na «Arcadia di Roma» e na «Unanimità di Torino». Para Silvio, a estadia em Pinerolo foi talvez o período mais feliz da sua vida. Aliás é ele quem o diz nos seus escritos, ao lembrar-se da primeira comunhão e de outros factos que, mais tarde, ao visitar pela última vez aquela encantadora vila, recorda com grande saudade. Porém, em 1799, o pai resolveu transferir-se para Torino, levando consigo naturalmente a família, agora acrescida por Giuseppina, nascida um ano antes e que viria a ser a dilecta irmã de Silvio.

Apesar dos sonhos do pai Onorato, a família acabou por sofrer privações ainda mais agudas do que as que sentira em tempos passados. Não admira, pois, que os dois, rapazes, Luigi e Silvio, deixassem de estudar na procura das profissões que haveriam de transformar por completo as suas vidas. Entretanto, a casa de Onorato Pellico, continuava a ser um templo de Orfeu, cujo anfitrião assinava alguns trabalhos de valor incontestável. As receitas sucediam-se e o clima artístico que ali se vivia levou-os a erigir, numa



das salas dos seus modestos aposentos, um palco onde se representaram peças de Dante e Ossian, tomando nelas presença alguns dos amigos e vizinhos da família Pellico. Entre as jovens moças intervenientes uma houve que perturbou o coração de Silvio. Não tardou a nascer entre eles uma paixão que durou toda a vida, embora, na época, essa vida não passasse de um ápice. Na verdade, a jovem morreu pouco tempo depois «Ischiando di

sè lungo desiderio nell'animo del giovine amico».²

Como o negócio do senhor Onorato não desse para as sopas da família, o desespero de uma mãe cada vez mais carregada de filhos levou-a a empregar os herdeiros mais velhos, destinando ao primeiro o lugar de secretário em Posen, enquanto o segundo partia para Lion onde foi recolhido por um parente, o sr. Rubot. Por essa altura, o pai de Pellico abriu falência e viu-se obrigado a fugir de Torino para Milão, juntamente com os seus três filhos mais novos, Giuseppina, Francesco (n.1801) e Marietta (n.1803).

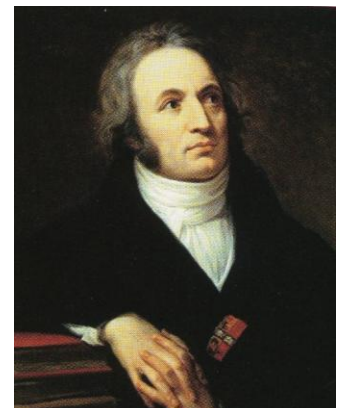
Sigamos agora a vida de Silvio, com menos pormenor, até à publicação de *As Minhas Prisões*. Em Lião, Silvio dedicou-se de forma autodidáctica ao estudo da língua francesa e à leitura dos clássicos, apesar do sr. Rubot pretender financiar os seus estudos. Aqui, Silvio perdeu lentamente a sua fé religiosa, muito embora haja sido educado no seio de uma família fiel ao catolicismo. E, como se isso não bastasse, apaixonou-se pela filha do anfitrião Rubot, que, aliás, já estava prometida a outro jovem. Para não causar mais problemas, e porque já tinha completado vinte anos, regressou a Itália, a fim de ser incorporado no exército. Todavia, por falta de estatura foi dado como inapto e, infelizmente, devido aos seus conhecimentos de Francês, consegue arranjar emprego no



Retrato de Ugo Foscolo

«Real Collegio degli Orfani Militari con 1200 lire annue di stipendio e tre ore setti manali di lezione».³

Tempos depois, logrou empregar-se no departamento de Censura dramática, sob direcção da Polícia, profissão que, aliás, o envergonhava imenso, não obstante a sua



Retrato de Vincenzo Monti

necessidade de ganhar a vida e de possuir tempo disponível para adiantar as suas leituras.

Em Milão, por intermédio do seu irmão Luigi, vem a conhecer Vincenzo Monti e vários outros intelectuais, entre os quais assumia especial destaque o eterno apaixonado Ugo

² Idem, p. XI.

³ Idem, p. XII.

Foscolo, autor da famosa tragédia «*Tieste*» e das notáveis e incompletas «*Últimas Cartas de Jacopo Ortis*». Este homem, cuja vida amorosa lhe destroçara o coração e a saúde, será um dos grandes ídolos de Silvio, apesar das diferenças de carácter que os separava. Todavia, «*presto furono amici intrinseci, quasi fratelli*».⁴

É dessa amizade que despertará o sentimento nacionalista de Silvio, originado pela profunda admiração que sentia por Ugo e pelo «*Sepolcri*». Os dois amigos sentem-se agora unidos pelas ideias políticas e pelo desmesurado amor que dedicavam à poesia.

Como Luigi se entregasse com um certo êxito à comédia, o seu irmão resolveu enveredar pelo caminho da tragédia, estreando-se neste género literário com a publicação da «*Laodamia*» em 1813. Na qualidade de amigo, Foscolo dedica-lhe alguns encómios, muito embora esta peça não possuísse uma enorme originalidade. Passado um ano, Silvio publica «*Turno*», inspirado no estilo romano, nomeadamente nas obras de Virgílio e Tácito. Pondo de parte os temas clássicos, Pellico encaminha-se para o Romantismo, corrente filosófico-literária favorável à independência dos povos e à recuperação dos costumes e tradições perdidas pela aculturação do domínio estrangeiro, tanto intra-fronteiras como extra-fronteiras. Imbuído do espírito romântico, escreve então uma das obras que o imortalizaria, «*Francesca*



Paolo e Francesca da Rimini. quadro de Dante G. Rossetti

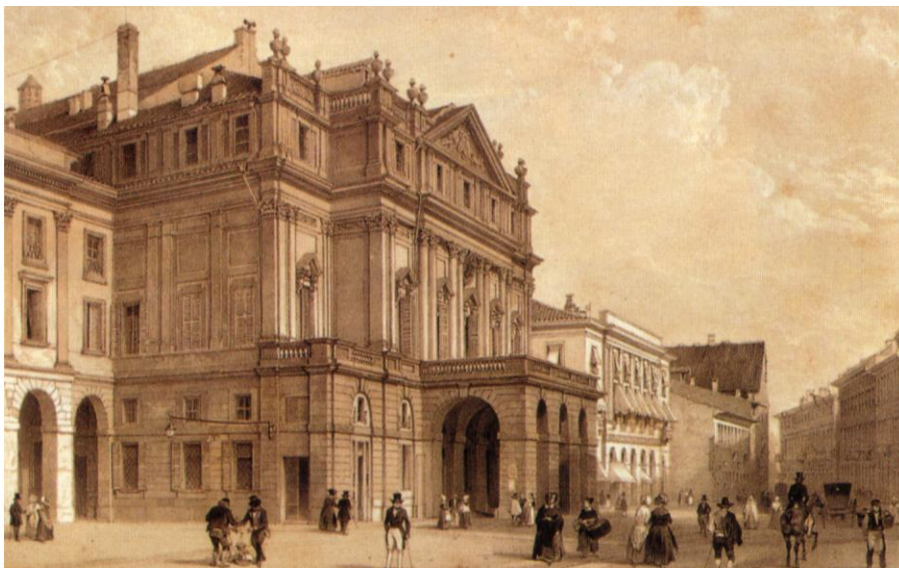
de Remini», realizada no estilo trágico, a qual causou grande celeuma nos meios revolucionários italianos.

Os núcleos nacionalistas eram formados especialmente por jovens de coração arrebatado pela causa separatista que, tal como o nosso biografado, preconizavam a libertação da Itália. De entre estes destacou-se Ludovico di Breme, proveniente de uma família nobre do Piemonte e desejoso de fazer algo pela Itália, nessa altura submetida às

⁴ Idem, pp. XII-XIII.

mãos dos austríacos. O gosto pela leitura levou Ludovico a conhecer a «*Francesca*», cuja admiração lhe valeu os mais vivos aplausos, a ponto de afirmar «che dopo quelle dell'Alfieri era la prima tragedia Italiana digna di fama».⁵

Frente a uma obra tão promissora, Ludovico encetou esforços no sentido de conseguir obter a anuência de uma companhia de teatro que se compromettesse a levar à cena a «*Francesca*». Felizmente, encontrou na companhia dramática



O Scala de Milão, que Pellico frequentava a convite do amigo Ludovico di Breme, conforme refere Stendal no seu livro *Viagem a Itália*

Marchionni a maior receptividade, inclusivamente, até, da parte da censura que não opôs quaisquer obstáculos, estreando-se a peça no teatro «*Re di Milano*» na noite de 18 de Agosto de 1815, tendo como protagonista a famosa jovem Carlotta Marchionni.

Apesar de Foscolo não acreditar no êxito da peça, o certo è que a «*Francesca*» atingiu



L'Accademia dei pugni - O conde Luigi Porro Lambertenghi está sentado na mesa da direita com casaca castanha

um sucesso extraordinário, que se espalhou a toda a Itália, a ponto de, nos cinquenta anos que se lhe seguiram, ainda se poder assistir àquela que foi considerada com o expoente máximo das tragédias românticas italianas.

Num clima de dominação estrangeira, a família Pellico sofria as consequências dum saneamento desenfreado aos lugares políticos ocupados por piemonteses. Daí o chefe de

⁵ Idem, p. XIV.

família ter regressado a Torino, cidade onde outrora abrira falência, e onde obteve colocação no Ministério das Finanças do novo reino sardo. Quanto a Luigi, deixou Milão e acabou por assentar raízes em Génova, onde tomou o posto de secretário provisório do governo local. Só Silvio permaneceu em Milão percorrendo um rosário de privações, desempenhando funções docentes, efémeras e precárias, a estrangeiros, acabando como sempre a preceptor de jovens, nobres como Odoardo Briche, por quem aliás sentia grande dedicação, apesar das míseras 50 liras que recebia em troca.

Desencantado pelos desgostos da vida, estava prestes a ceder aos chamamentos do pai, que o atraía a Torino, quando conheceu o Conde Luigi Porro Lambertenghi, que o convidou a aceitar o lugar de preceptor dos seus dois filhos, Giulio e Giacomo, para além de ficar ao seu dispor como secretário particular, funções que lhe rendiam mil liras, o que em 1816 era um substancial ordenado. O Conde Porro era um homem «richissimo e generoso, liberale d'idee e franco di modi, um po'rumoroso ma simpatico, si fece subito ben volere dall Pellico, che egli trattava da amico, non da dipendente».⁶

Efectivamente, a casa do Conde Porro era poiso obrigatório dos espíritos mais cultos da época, daí o relacionamento de Silvio com personalidades como Madame de Stael, Lord Byron, Stendhal, Sismondi e outros, que ao passarem por Milão não dispensavam o repousante conforto da casa da «Via dei Piatti» ou do Palácio que em 1818 o Conde



Palácio do Conde Porro na Via Monte di Pietá

construiu na «Via Monte di Pietá». A residência do Conde Porro transformara-se, assim, num templo dedicado às musas e à cultura, onde ecoava estridente a polémica surgida entre clássicos e românticos. Para os clássicos, a literatura deveria respeitar a «tradizioni letterarie nazionali, lo

studio non solo, ma anche l'imitazione del dei sommi scrittorri antichi e dei moderni che

⁶ Idem, p. XVII.

angli antichi s'erano ispirati, e il culto di quel tipo di bellezza serena e regolare, plasticamente perfetta, che era piaciuto ai loro modelli».⁷

Em contrapartida, os românticos, na sua globalidade, preconizavam «l'ésaltazione del sentimento e della passione, a scapito anche della plastica regolarità delle forme, e, ribellandosi alla cieca ammirazione per gli antichi e deridendo chi se ne faceva imitatore, fino a travestire all'antica soggetti moderni, rimpinzandoli anche di favole mitologiche; sostenevano doversi bensì studiare i grandi esemplari greci e latini, ma, pur senza abbandonarsi mai all'imitazione, doversi anche tender l'orecchio, più che non si fosse fatto sino allora, alle voci che dalla Germania, dall'Inghilterra, dalla Francia stessa additavano ai letterati nuove e più libere vie e mostravano esempi d'opere non meno belle delle antiche».⁸



A cidade de Milão no início do séc. XIX, num quadro de Giovanni Migliara

Passando do campo literário ao político, os românticos na sua maioria perfilhavam ideias patrióticas, de exaltação nacionalista, procurando a todo o transe desencadear um

⁷ Idem, p. XVIII.

⁸ Idem, ibidem.

processo de revolta contra a dominação estrangeira. No campo oposto, situavam-se os classicistas, de índole mais conservadora, pactuando com a situação como se nada houvesse para transformar num reino cuja capital se erguia em Milão. Como fruto dos tempos, Pellico sentia-se clássico nas raízes mas romântico no espírito.

Aliás, os seus primeiros escritos são indubitavelmente clássicos, mas após a «*Francesca*» sentiu-se atraído pelo romance histórico, que traduzisse a figura de um herói cujo sentir patriótico lembrasse aos italianos o esplendor da sua velha existência ao longo de muitos séculos. Receando, todavia, a perseguição da inquisitória Censura, o talentoso dramaturgo hesitou em declarar-se abertamente favorável às ideias românticas, preferindo deixar a cena à imparcialidade ideológica. Apesar disso, as pressões dos amigos mais íntimos, como Breme e Borsieri, fizeram-no perder o terror às ideias novas convertendo-se ao romantismo. Acto contínuo veio à baila a ideia de se fundar um jornal que combatesse o obscurantismo estatal, de tal forma que em 1818, com a ajuda financeira dos Condes Porro e Confalonieri, foi fundado «*Il Conciliatore*», no qual tomaram digno destaque Giovanni Rasori, Giuseppe e Luigi Pecchio, Cristofori, Giovanni Berchet, Ermes Visconti, Domenico Romagnosi, Sismondi e Giuseppe Nicolini.

O objectivo deste periódico era bem-intencionado, pretendia divulgar uma «literatura seria e morale, e insieme contribuirebbe all'utilità generale d'Italia e a quella della Lombardia in particolare, divulgando cognizioni di agricoltura, d'industria, d'economia, di legislazione».⁹

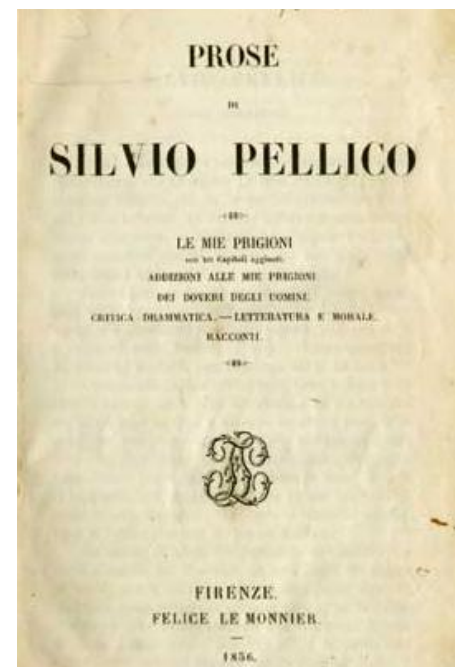
Apesar das constantes perseguições "il foglio azzurro" (o jornal imprimia-se num papel azulado), conseguiu publicar-se durante 13 meses na situação de bissemanário, somando 118 números mercê do esforço de Pellico que, muito embora



⁹ Idem, p. XX.

não fosse o seu director (como alguns historiadores afirmam), foi com certeza o seu chefe de redacção, cabendo-lhe por isso a major responsabilidade e dedicação. O débil e míope Silvio foi o mais profícuo colaborador da “folha azul”, onde publicou duas novelas, inúmeras recensões críticas (de obras de história, viagens, ginástica, equitação, estenografia etc.), fundamentalmente sobre as tragédias de Alfieri, Chenier e Schiller, sobre poemas de Byron, Campbel e Rogers, não falando já de um sem-número de assuntos políticos, filosóficos, económicos etc., que lhe mereceram igual reparo.

Perante tão vasto raio de acção, o governo não pode suportar por mais tempo a “azulada guerra” que o «Conciliatore» lhe movia, pelo que em 26 de Outubro de 1819 o Conde Villata intimidou o jovem Pellico a comparecer na intendência da polícia, a fim de o pôr ao corrente da situação de incompatibilidade política gerada entre o “grupo azul” e o governo. Daí, a promessa de proibir a saída dos seus artigos políticos no jornal, caso continuassem a insistir na sua perigosa actuação subversiva. Pellico, sentindo-se frontalmente atingido, procurou acatar as ordens do “castiço” Villata. Porém, os seus companheiros, tentando evitar mais polémicas, resolveram suspender a publicação do «Conciliatore», não sem antes deixarem bem vincada a intenção de «conservare viva per tredici mesi la scintilla del patriottismo e della verità».¹⁰



Terminava, assim, uma das mais brilhantes facetas políticas de Silvio Pellico; talvez a mais importante já que a sua fama se deve, quanto a nós injustificadamente, à publicação de *As Minhas Prisões*, que, no fundo, é uma obra bisonhamente revolucionária.

Compulsivamente arrasado para a vida jornalística, resolve voltar ao teatro. Escreve então, o «*Eufemio di Messina*», que veio a publicar nos princípios de 1820, muito embora sofresse o desgosto de nunca a ter visto em cena por a Censura lho não permitir.

¹⁰ Idem, p. XXII.

Na verdade, a qualidade literária era inferior à de «*Francesca*», todavia o enredo podia ser encarado como subversivo, já que aludia à invasão dos mouros sobre a Sicília, facto que apesar de histórico podia ser associado à recente invasão dos austríacos sobre a Lombardia. Enquanto isto, a flecha do Cupido fê-lo esquecer as admoestações havidas com a censura, prendendo-se, desta vez, o



Catedral de Milão, onde Pellico ia com com Ugo Foscolo

seu coração aos belos olhos de uma artista dramática, Gegia Marchionni. Para compensar os seus dotes cénicos, Pellico escreveu uma «farsetta per musica» intitulada «*La Festa di Bussone*», especialmente dedicada aos seus encantos. Acontece que, necessitando de um maestro capaz de pôr em cena a farsa musical, veio a ter conhecimento de um jovem prometedor de 24 anos, chamado Maronchelli, o qual havia de sofrer ao seu lado um longo e penoso rosário no castelo de Spielberg. As voltas que a vida dá.

Enquanto os preparativos decorriam, Pellico vai a Torino a fim de se despedir definitivamente do seu amigo Ludovico di Breme, gravemente doente e que acabaria por expirar em Agosto desse mesmo ano. Aproveita também para rever os seus pais, especialmente a mãe, à qual dedica um amor quase doentio. Esta sua estadia, foi provavelmente, encetada por Pellico a pedido de Maroncelli e de outros patriotas que o incumbiram de auscultar as aspirações populares e «di annodar relazioni tra i liberali piemontesi e i lombardi, in nista di qualche futuro tentativo di risconssa».¹¹

Aliás, escamoteadamente no cap. II de *As Minhas Prisões*, cita as palavras da mãe que deve ter-se apercebido das suas intenções subversivas por terras do Piemonte: «Ah,

¹¹ Idem. p. XXIV.

il nostro Silvio non e venuto a Torino per deder noi». ¹² Realmente ele não deveria ter ido só para ver os pais, mas o que é certo é que ele pouco mais viu, regressando a Milão decorridos doze dias. A paixão por Gegia Marchionni e a incoerência ideológica suscitada pelas suas raízes familiares, levaram-no a apressar a viagem de regresso. Já em Milão, a jovem artista recusa a declaração de amor do desiludido dramaturgo que, ferido de amor e deprimido pelo repúdio, mergulha as mágoas na política activa e clandestina. Maronchelli, também ele rejeitado pela coquete artista, convence Pellico a entrar para a recentemente formada venda carbonária. Assim, «ai primi d'agosto, con tutte de cerimonie di rito, riceve dall'amico l'iniziazione ad apprendente della setta». ¹³ Pela sua mão entrarão outros carbonários como os condes Porro e Confalonieri.

Uma organização secreta de tão grande responsabilidade política necessitava anualmente de um número crescente de aderentes capazes de levar por diante a iniciativa dos brilhantes patriotas piemonteses. Por isso mesmo partiu



Prisão de Silvio Pellico, juntamente com o seu amigo Maroncelli, no palácio do conde Porro, em Milão, a 13 de Outubro de 1820

Maronchelli em missão de propaganda para as margens do lago de Como, enquanto o seu camarada Pellico se dirigiu com igual intenção para Veneza. Estávamos no final do Verão de 1820, quando Maronchelli cometeu a imprevidência de enviar uma carta a seu irmão Francesco, que se encontrava em Génova, confiando-lhe instruções para a orientação da «venda» de Milão. A carta acabaria por ir parar às mãos do Conde de

¹² Silvio Pellico, *Le Mie Prigioni*, Milano, Ed. Dr. Francesco Vallardi, 1907, pp. 4-5.

¹³ Egidio Bellorini, *op. cit.*, p. XXVI.

Bubna, governador da dita cidade, que baseando-se na lei de Agosto (que proibia as associações carbonárias, considerando os seus partidários como traidores nacionais), mandou imediatamente aprisionar o jovem Maronchelli, caindo-lhe este nas garras a 6 de Outubro do mesmo ano. A notícia correu célere, não tardando a chegar ao conhecimento de Pellico, que ainda tentou camuflar *in situ* os restos da propaganda do amigo. Pensando ter destruído todas as provas que incriminassem a organização, regressou a Milão onde a 13 do referido mês acabaria por ser detido na casa do conde Porro, por determinação do Comissário Villata.

Pesava sobre ele a acusação de ser citado numa carta incriminatória de Maroncelli e de lhe ter entregado um bilhete destinado ao seu irmão Luigi, recomendando-lhe que prestasse ajuda ao seu amigo na propaganda carbonária em Génova. Bastava isso para ser condenado à morte, como haveremos de ver em seguida.



Primeiramente foi julgado em Milão, onde o seu amigo Maroncelli se acusou como responsável de tudo quanto se estava a passar. Contudo, as provas, apesar de ambíguas, foram suficientes para condenar à prisão os dois carbonários, que nessa qualidade acabaram por ser transferidos no ano seguinte para Veneza. Aí, foram novamente julgados. Confessaram pertencer à Carbonária juntamente com outros camaradas que foram entretanto presos como cúmplices. No dia 21 de Fevereiro de 1822 foi proclamada a sentença real na praça de San Marco, recaindo sobre Maroncelli, Pellico e Canova, a pena de morte, enquanto para Rezia e Ressi se pronunciava a prisão perpétua. Felizmente, o imperador comutou as penas dos três primeiros em 20, 15 e 5 anos de prisão respectivamente, enquanto os dois últimos cumpriam 5 anos cada um.

Ressi, todavia, não resistiu às privações do cárcere e morreu pouco tempo depois. Quanto a Rezia e Canova transferiram-nos para a prisão de Lubiana, fazendo o mesmo a Maroncelli e Pellico que foram parar ao castelo de Spielberg, prisão donde praticamente era impossível fugir.

Durante os dez anos da pena, que acabaria por cumprir, Silvio Pellico meditou muito dentro das quatro lúgubres paredes dos cárceres de Milão, Veneza e, finalmente, nas

masmorras do castelo de Spielberg. Não sabemos bem no que terá pensado, mas uma coisa é certa, converteu-se definitivamente ao catolicismo. O medo, o terror da solidão deverão ser, provavelmente, os



Castelo de Spielberg, transformado em prisão para reprimir o liberalismo

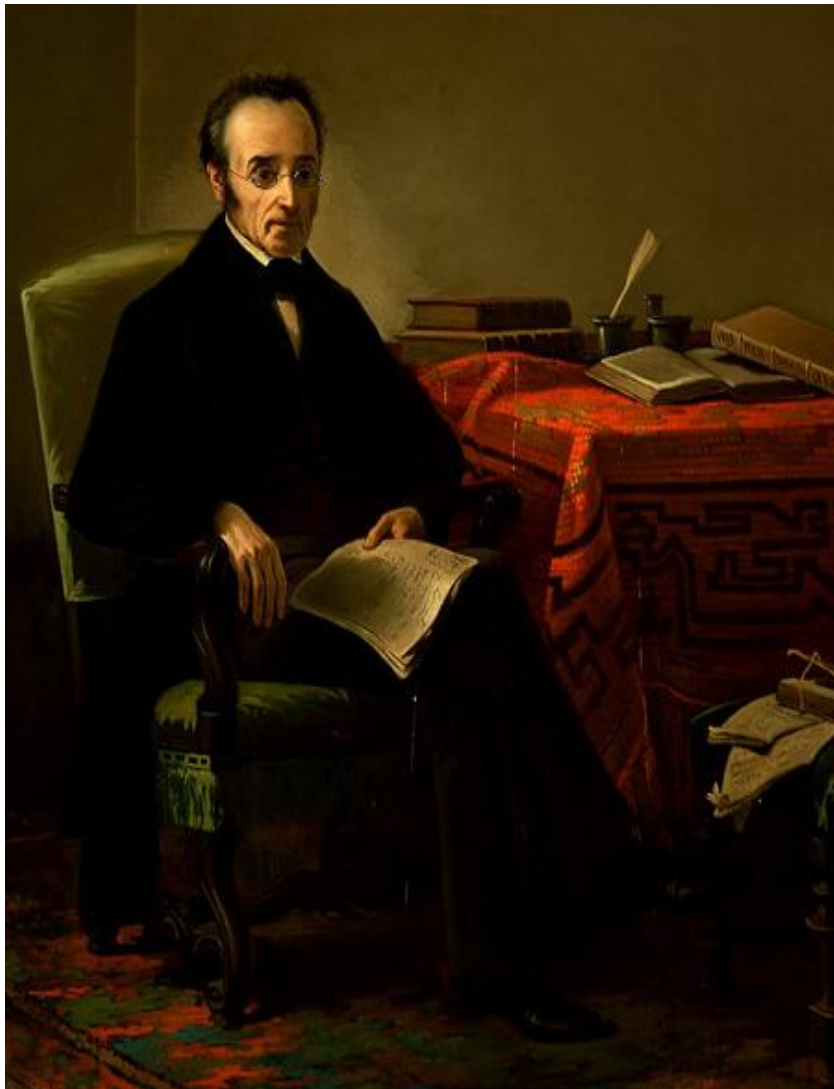
agentes causadores deste regresso às origens, pelo abandono do racionalismo anti-religioso do séc. XVIII.

De 1820 a 1830, Silvio Pellico transformou-se num fervoroso adepto do catolicismo, virando costas à política activa e aos seus camaradas da “venda” maçónica. Tornou-se um conservador, talvez mesmo um retrógrado, considerado traidor à causa liberal e anti dinástica que tinha marcado o rumo da sua juventude. O liberalismo foi chama que arrefeceu lentamente no seu coração amargurado, injustamente dilacerado pelo impiedoso desterro a que havia sido sujeito no húmido e insalubre castelo de Spielberg.

Enquanto durou o penoso interlúdio, aproveitou para voltar a escrever teatro, sobretudo tragédias, para além de inúmeros poemas e traduções de obras clássicas. As amizades, as privações, os desgostos, o medo, a descoberta de Deus, a ansiedade pela liberdade, são tudo sentimentos e frustrações que Pellico nos deixou magistralmente na sua obra *Le Mie Prigioni*. Estas memórias são mais propriamente um testemunho de terror, de esperança e abnegação, do que propriamente um libelo acusatório do arbitrário poder que o lançou na escura masmorra. O autor parece querer perdoar aos seus algozes e as críticas ao regime, se bem que disfarçadas, são muitas vezes inocentes e infantis.

Para quem esperou de Pellico um tratado político ou um manifesto revolucionário, ficou com a ideia de que *Le Mie Prigioni* são autenticamente um embuste, uma pieguice

beata, em suma, um fracasso literário-político. Todavia, a obra teve repercussões e deu muito que falar, acabando até por ser colocada nas listas de livros proibidos.



Silvio Pellico quando escrevia *Les Mi Prisione*, quadro de Lorfino

No dia 1 de Agosto de 1830, Spielberg abriu as suas portas para deixar passar os dois companheiros do infortúnio, Maroncelli e Pellico, que começavam uma nova vida em liberdade. Cada qual seguiu o seu rumo. Mês e meio depois, Pellico abraçava efusivamente a mãe, jurando a si mesmo que jamais se haveria de privar da liberdade de poder ficar para sempre junto dela em paz. Tinha então 41 anos, mas a reclusão marcou-lhe profundos sulcos no rosto. Estava velho, sentia-se cansado e a saúde já não era muita. Os pulmões, a

«asma nervosa», sacudiam de tempos a tempos a sua mísera resistência física. Os padecimentos sofridos com esta doença acabariam por arrebatá-lo a vida. O pequeno míope, com ar de sábio, era agora «um lânguido cadáver ambulante», como ele costumava dizer, vivendo das ajudas financeiras dos amigos e já perto do fim, da protecção do Marques de Barolo. Após um período em que viveu de esmolas, nomeadamente do seu amigo Confalonieri, o desgraçado dramaturgo resolveu escrever as suas memórias, vindo então a lume *As Minhas Prisões*. Como já disse, o seu valor político era diminuto. No entanto, teve enormes repercussões sendo até apontado por alguns como uma obra-prima da literatura italiana.

Seja como for, granjeou-lhe enorme fama e uma generalizada admiração do povo italiano, mercê da sua figura de político sofredor, resignado a receber o castigo sem nada objectar a seu favor, que não seja aceitar os homens como eles são no fundo: inocentes pecadores. Sem pretender os louros do triunfo, recolhe-se à solitude da casa dos Marqueses de Barolo; onde se dedica ao fervor ascético e à literatura, escrevendo teatro, tragédias e poesia.

Velho e cansado, amargurado pela morte de alguns dos seus amigos mais chegados, acabou por acolher-se, finalmente, à cidade que sempre amara: Torino. Aí ficou até findar os seus dias ao lado da querida irmã Giuseppina, que o amparou maternalmente até ao dia 31 de Janeiro de 1854, data em que expirou após longo tormento.

O povo italiano acompanhou o humilde féretro à última morada num dia de luto nacional. E hoje «ancora visitano riverenti la modesta tomba che, inalzata dalla pietà della marceza di Barolo, segna nel camposant di Torino il luogo dove riposano le sue stanche ceneri».¹⁴ O Povo não esquece os seus filhos.



Placa comemorativa do 1.º centenário da morte de Silvio Pellico

¹⁴ Idem, p. LIII.